

Massa, literatura e produção de subjetividade

Mass, literature and production of subjectivity

Regina Maria Santos Dias

Resumo

A presença da massa urbana do Rio de Janeiro nos romances de Lima Barreto suscita diferentes interpretações sobre as sensibilidades que se cruzavam nos anos iniciais do século XX. Focalizar as interferências que a escrita barretiana provocou na cena literária carioca no período da *Belle Époque* tropical permite explicitar o feixe de relações que preenchem as formas hegemônicas que vigoravam naquela sociedade, bem como as resistências que se operavam naquele diagrama de forças. Tal caminho de investigação dispara um minucioso entendimento acerca das potências de vida que metamorfoseiam fluxos de campo social em partículas de afeto pela cidade e pela escrita. Aproximando o conceito de massa de Elias Canetti da noção de multiplicidade de Gilles Deleuze, este trabalho situa a literatura de Lima Barreto como intercessora de um estudo interessado em traduzir um outro entendimento das forças desejantes, afirmando, assim, uma perspectiva política da subjetividade.

Palavras-chave: massa; subjetividade; estética

Abstract

The presence of the urban mass in Rio de Janeiro in Lima Barreto's romances implies different interpretations concerning the sensibilities that faced each other on the first few years of the twentieth century. Focus on the interferences that writing caused in Rio's literary scene in the period of tropical Belle Époque allows us to emphasize the row of relationships that fill the hegemonic shapes that prevailed in that society, as well as the resistances that occurred in that diagram of forces. That line of investigation leads to a careful understanding about life strengths that metamorphose the out flowing social fields into particles of sympathy for the city and also for writing. Approximating the concept of mass by Elias Canetti of the notion of

multiplicity of Gilles Deleuze, this job situates Lima Barreto's literature as the intercessor of a study focused on interpreting another understanding of desiring forces, affirming, that way, a political perspective of subjectivity.

Key-words: mass; subjectivity; esthetics

Introdução

Muito já se escreveu sobre as peculiaridades da cidade do Rio de Janeiro e suas relações com a literatura, da mesma maneira que, de forma recorrente, encontram-se análises que conectam a especificidade de um momento histórico com a emergência de uma expressão escrita singular. A literatura de Lima Barreto certamente ocupa um lugar de destaque no conjunto dos estudos que transitam por essas preocupações e, entre tais formulações, algumas se destacam pelo ar de notoriedade que envergam, outras pela feição de cientificidade que assumem. Nesse sentido, tanto definem Lima Barreto como escritor memorialista (Barbosa, 2002), quanto classificam a respectiva literatura como missionária (Sevecenko, 1995). Vale destacar que outras qualificações que a essas se assemelham, ou delas decorrem, desdobram-se em uma variedade de trabalhos acadêmicos, em edições especializadas e nas publicações dirigidas ao grande público - o que ratifica a importância que o referido escritor ocupa na cena literária nacional. Embora tais contribuições iluminem aspectos interessantes sobre a vida e a obra do romancista, elas reduzem, contudo, as potências barretianas ativadas nos embates travados na capital brasileira nos anos iniciais do século XX (DIAS, 2003).

Em panorama diverso, questões são lançadas frente aos procedimentos de controle do discurso, o que decorre diretamente na problematização da noção de autoria. Michel Foucault (1992), ao problematizar as estratégias e

as rupturas nas quais um discurso emerge, remete forçosamente seus leitores a um entendimento diferenciado acerca das relações entre o escritor e sua escrita. Também em uma perspectiva nada convencional, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) oferecem uma interpretação original sobre os mecanismos que conectam escrita e vida, tecendo novas pistas sobre os processos de subjetivação. Assumir tais referências incita este trabalho a forjar interrogações frente às construções que naturalizam a presença da cidade e da gente sofrida nos temas e personagens que integram a literatura barretiana.

Tal caminho torna-se mais significativo à medida que se investiga como as especificidades da sociabilidade carioca e as turbulências que eclodiam nas ruas repercutem nas opções literárias experimentadas pelo romancista. Na mesma via, cabe também interrogar por quais mecanismos, ressonâncias e interferências a massa desvalida da cidade comparece no diagrama de forças barretiano.

Escritor e jornalista afiado na crônica da cidade, Lima Barreto colaborava em diversos jornais da época, resenhava literaturas estimulando os estreadores da escrita, dedicava-se à correspondência entre amigos e simpatizantes, bem como respondia às críticas dos opositores de diferentes procedências. Em todas essas experiências literárias, a cidade e a massa urbana do Rio de Janeiro se faziam presente em seus textos. Tal insistência requer uma acurada investigação e exige diferentes ferramentas analíticas.

Em um livro intitulado *Massa e Poder*, Elias Canetti (1995) também se dedica a conceituar a massa, definindo a descarga como ponto de ancoragem de sua paradoxal constituição, pois, para ele, trata-se do: "...momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se iguais. Por diferenças há que se entender particularmente aquelas impostas a partir do exterior – as diferenças determinadas pela hierarquia, posição social e pela propriedade" (CANETTI, 1995:16)

O pensador búlgaro explicita o alívio observado logo a seguir ao momento da descarga, constatando o desaparecimento das posições socialmente assumidas, em razão de um momento feliz em que os “homens transformam-se em massa” (CANETTI, 1995:17). O que tais argumentos enfatizam é que a massa não se define apenas pelo ajuntamento de corpos em uma direção unificada, mas, efetivamente, o que institui a massa são as conexões efetuadas que fazem emergir a destituição das segmentaridades¹, a ruptura dos estratos, provocando a liberação de novas vitalidades e a violação de “distâncias universalmente estabelecidas, visíveis a todos e vigentes em toda a parte” (CANETTI,1995:18).

A violação das fronteiras é uma materialização da massa enquanto corpo – quebram-se vidraças, portas são destruídas, prédios danificados –, rompendo proteções, deslocando os lugares individuais e as lógicas aparentemente sólidas em vigência no espaço social.

A massa que reverbera na escrita barretiana se apresenta em desacordo frente à inescrupulosa modernização capitaneada por oportunistas de última hora, interessados em alterar o espaço citadino e em modificar a sociabilidade, provocando repercussões no cotidiano dos habitantes da cidade – turbulências que também estavam presentes na vida do escritor. Cabe então a este artigo pensar o texto barretiano não como o de um arauto do que ocorria às massas, mas investigar os sentidos de massa que ressoam na pena insubmissa do romancista, o que inclui o modelo impetrado pelas elites econômicas e as correspondentes decisões científicas envoltas em ares apolíticos. Se a escrita possibilitava desafios ao autor, trazia também muitos desafetos, principalmente por parte daqueles que se aferravam aos cânones que dominavam a literatura da época.

Objetivos

Focalizar as interferências que a escrita barretiana provocava na cena literária carioca nos anos iniciais do século XX revela as formas naturalizadas daquela sociedade e, ao mesmo tempo, esclarece como o romancista operava rupturas em tais agenciamentos. Esta opção metodológica exige recensear as transformações daquele momento, bem como investigar as sensibilidades que se cruzavam naquela sociedade batizada como a *Belle Époque* carioca. A proximidade de Lima Barreto com a massa urbana do Rio de Janeiro torna possível captar o feixe de relações que preenchem os agenciamentos que vigoravam na cidade. Tal caminho visa a operar um minucioso entendimento acerca das potências de vida que metamorfoseiam fluxos de campo social em partículas de afeto pela cidade e pela escrita, e, a partir daí, dar visibilidade a uma concepção de subjetividade impessoal e coletiva.

Em última análise, este texto pretende relacionar as aproximações e os distanciamentos do conceito de massa de Elias Canetti da noção de multiplicidade de Gilles Deleuze e, por esta via, poder situar a escrita literária como o fora da subjetividade. Lima Barreto passa a ser o intercessor de um estudo interessado em traduzir um outro entendimento das forças desejantes, afirmando, assim, uma perspectiva política da subjetividade.

Cânones e baionetas: as peripécias de uma ilustração autoritária

A República, em seus anos iniciais, oscilava entre a expansão da lavoura e o desafio de atrair investimentos do capital internacional. Tais movimentos já se encontravam presentes desde o período final do Império, traduzindo-se tal orientação na captação de “técnicos e mão de obra de imigrantes para esse setor” (SEVECENKO, 1993). Contudo, o entusiasmo das potências do Norte repercutia nas elites brasileiras, favorecendo um projeto de modernização atrelado aos interesses das grandes metrópoles.

No entender do historiador José Murilo de Carvalho (1998), no fragmentado quadro republicano composto pelas elites agrárias, pelos círculos militares, os empresários e a vanguarda positivista, os componentes discordavam não apenas quanto aos métodos, mas, sobretudo, pelo entendimento diferenciado das idéias que sopravam das sociedades europeias desde o final do século XIX. Vale ainda destacar que, no alvorecer da República, o autoritarismo florianista era implacável no que dizia respeito às formas de divergência, principalmente quando elas vinham das camadas subalternas. A diplomacia da chibata e da baioneta eram expedientes usuais na manutenção da ordem. Caso a insatisfação tomasse ares mais aguerridos, a disciplina era restabelecida com o fuzil, como se verificou em 1893 por ocasião da Revolta da Armada.

Os desacordos entre conservadores e liberais se explicitavam no tratamento da herança de velhas questões e na resolução dos inusitados problemas, principalmente os que se originavam das promessas de progresso que emanavam do distante mundo da ordem industrializada. Em meio ao galopante acirramento da divisão do espaço social, a camada dominante hesitava quanto às estratégias mais eficazes. Com uma sociabilidade fortemente estratificada e uma carga histórica de privilégios, a elite freqüentemente se perguntava acerca do significado de ser brasileiro no seio daquelas antinomias que não paravam de se fragmentar – “sociedade cosmopolita e provinciana, moderna e antiquada, liberal e oligárquica” (SALIBA, 1998: 297).

Tal conjuntura exigia urgentes providências na capital, que viriam a ser concretizadas no governo de Rodrigues Alves (1903-1906). Com o estabelecimento de ampla liberdade administrativa e total apoio político ao Prefeito Pereira Passos, colocou-se em andamento um projeto de modernização calcado em medidas saneadoras coordenadas por Oswaldo Cruz – cientista renomado e também indicado pelo governo. Mesmo não correspondendo aos anseios imediatos e às carências básicas da população,

iniciavam-se em fevereiro de 1904 as reformas da cidade. Entre outras engenharias, efetuavam-se as demolições que desabrigaram um considerável contingente populacional, até então aglomerado em casas de cômodos e cortiços espalhados pelo centro do Rio de Janeiro.

República e Modernização: ... Afastem as massas!

A incipiente industrialização e a salvação cientificista – executada pelas mãos da polícia – estavam em sintonia a certos interesses do período. Os confrontos que decorriam dessas ações eram traduzidos como discordâncias de estilo, pois consistiam em uma disputa entre: “gostos ou padrões arquitetônicos [ou] manipulação de certas oposições ideológicas chaves, tais como prédios estéticos e higiênicos X edificações de mau gosto e repugnantes; cidade moderna e civilizada X cidade colonial e rotineira” (BENCHIMOL, 1990: 245).

A desordem urbana e a diversidade social que denegriam o panorama da capital formavam, aos olhos da elite, uma realidade que se apresentava como um forte entrave às modificações pretendidas. Considerada como difícil de extinguir e impossível de integrar, a massa empobrecida condicionava um aumento de tensão avolumado por interesses claramente opostos.

As estratégias de urbanização então iniciadas não traduziam apenas o desprezo pela presença do povo na região central do Rio de Janeiro. Mais do que isso, o que precisava ser varrido do centro urbano era a estética das classes populares. Era preciso imprimir a desqualificação do povo comum, do seu modo de viver, desqualificar seus saberes, desprestigiar o gosto de seus costumes, bem como banir outros signos considerados representantes da desordem e da ociosidade. O passado colonial, monarquista e escravista que se queria abandonar exigia que fosse fortalecida a crença em um conjunto de

medidas higiênicas, capazes de tornar possível a formação de uma sociedade civilizada, moderna e que correspondesse ao corpo saudável da burguesia – um novo corpo para a cidade.

A tirania saneadora implementada pela nova administração sobrecarregou principalmente a população oriunda do tráfico de escravos. Esta, condenada desde a entrada do médico no interior da casa da família colonial (COSTA, 1980), ganhava contornos ainda mais discricionários com o advento da ordem republicana, em continuidade ao projeto de desqualificação e de invisibilidade do negro na sociedade brasileira – assunto que Lima Barreto conhecia muito de perto.

Os pobres em geral se encontravam no cerne desse panorama. Em função de seu sistema de vida, moradia e saúde, eles foram transformados em classes perigosas²: ameaçadoras das leis, da saúde geral e dos bons costumes, inquietando as elites comprometidas com o projeto modernizador da sociedade higiênica que então ganhava corpo.

Sidnei Chalhoub, em um estudo sobre a cidade neste período, assinala dois pontos relevantes quando se trata de compreender a maneira como a camada dirigente se relaciona com a diversidade urbana. O primeiro ponto diz respeito à associação entre pobreza e a idéia de perigo como seu correlato natural; já o segundo se refere:

...ao surgimento da idéia de que uma cidade pode ser apenas "administrada", isto é, gerida de acordo com critérios unicamente técnicos ou científicos: trata-se da crença de que haveria uma racionalidade que não tem nada a ver com as desigualdades sociais urbanas, e que deveria nortear então a condução não-política, "competente", "eficiente", das políticas públicas (CHALHOUB, 1990: 4).

O descaso e a violência eram moedas correntes utilizadas pelo Estado em sua forma peculiar de administrar a cidade e as insatisfações da gente comum. Além disso, as artimanhas impetradas pela racionalidade burguesa

ora se encarregavam de impor medidas incompreensíveis ao entendimento popular, ora arremessavam os espíritos simples à miserabilidade total. As soluções diferenciadas para cada segmento da sociedade e a destinação de procedimentos arbitrários às populações indesejadas eram sentidos que repercutiam na arte barretiana. Então ele escrevia:

– Que são dez ou vinte mil contos que o Estado gaste! Em menos de cinco anos, só com as visitas dos estrangeiros, esse capital é recuperado... Há cidade no mundo com tantas belezas naturais como esta? Qual! Aires d'Avila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional. E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se para obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Hausmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas, *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra (IC, 1998:161-162).

A urbanização que compreendia a reforma e o saneamento do centro do Rio era inseparável de outro aspecto primordial na construção da face moderna da cidade: a higienização das populações. Carro chefe da nova sociedade, os procedimentos higiênicos orientavam-se via “moralização do pobre” pelo trabalho e reordenação do espaço social, alterando costumes, ocupações e os diferentes usos da cidade – até então condizentes com a antiga alma colonial. Doravante, os corpos, a língua e até os pensamentos passariam a ser vigiados e disciplinados pela gerência da nova “urbe”. Portanto, o modelo de cidade posto em ação não deixou saída para um grande contingente de ambulantes, mendigos, malandros, vadios, pobres de um modo em geral. Esse contingente era reforçado por homens liberados da

lavoura, negros, “imigrantes, trabalhadores de ocasião, profissionais sem qualificação” (MENEZES, 1996) que, por exercerem atividades ocupacionais pertinentes à cidade colonial, passavam a não mais se apresentar como incorporáveis aos parâmetros que estavam a reger a nova organização laborativa e societária da capital.

Essa massa reverbera no texto barretiano com a mesma inquietação em que são aglutinados frente às novas regras e desqualificados pelos expedientes autoritários que só faziam aumentar seu contingente. Tal plano de forças resulta, invariavelmente, na potência da massa em afirmar os movimentos multidirecionados que assume, em que pese a unificação de certos objetivos. No dizer de Canetti, dentre as propriedades da massa, uma delas é a erupção de crescimento, o que se acentua sempre que alguma fronteira a ela se impõe, pois não existem “expedientes absolutamente seguros que possam impedir em definitivo o crescimento da massa” (CANETTI, 1995: 28).

No que toca ao período definido por este trabalho, as medidas arbitrárias não apenas se diversificavam sobre a população aturdida como se sofisticavam por conta dos ares cientificistas que sopravam das fronteiras positivistas. Lima Barreto vê na militarização da cidade, nos ditames da saúde, nas decisões palacianas e no cânone literário a presentificação dos muros normativos que definiam o que era de bom-tom para os novos tempos e qual a população que melhor poderia corresponder aos restritivos critérios modernizantes. Os códigos em suas novas valências ressoavam aos assemelhados com favorecimentos comerciais, acessos aos cargos públicos, promoções, o gozo e o luxo nos salões da *Belle Époque* tropical.

Ao ser deslocada física e subjetivamente pelas decisões governamentais, a massa urbana sofreu processos que desestruturaram ainda mais as condições de vida e os modos de exercer a sociabilidade. Entre outras medidas corretivas, a inclusão disciplinar deu curso à execução de um

projeto laboratorial autoritário, cujas ações violentas resultaram no episódio denominado “A Revolta da Vacina”.

Lima Barreto vivia a cidade como uma região de afetos, captando as forças que formulavam acordos, outras que se confrontavam nos objetivos, mas, sobretudo, estava sensível às urgências que não ganhavam apelo intelectual e governamental em seu tempo. O romancista – sem escolha – dá relevo aos miseráveis a sobrar, a apanhar e a lutar pelas ruas do Rio de Janeiro. No romance intitulado *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, a massa efetua sua descarga frente às forças republicanas e sempre que:

...uma força passava, era vaiada; se carregava sobre o povo, este dispersava-se, fragmentava-se, pulverizava-se, ficando um ou outro a receber lambadas num canto ou num portal fechado. O Largo de S. Francisco era mesmo uma praça de guerra. Por detrás da Escola Politécnica, havia uma força e os toques da ordenança sucediam-se conforme as regras e preceitos militares. Parei. Um oficial a cavalo percorria a praça, intimando o povo a retirar-se. Obedeci e, antes de entrar na Rua do Ouvidor, a cavalaria, com os grandes sabres reluzindo ao sol, varria o largo com estúpido. Os curiosos encostavam-se às portas das casas fechadas, mas aí mesmo os soldados iam surrá-los com vontade e sem pena. Era o motim (IC, 1998: 201).

Em *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto também utiliza episódios marcados pelo espírito da tirania, mas isso não corresponde à finalidade de registrar para a posteridade os duvidosos compromissos de uma descompassada república. Muito menos está interessado em dar testemunho de uma população mantida refém de sucessivas manobras: militar e científica. Somente afetos de massa seriam capazes de interrogar ditas prédicas e se atualizar em ousadias literárias – em outras palavras, uma literatura militante.

Literatura militante... Devir minoritário nas letras cariocas

Militante era como Lima Barreto definia sua literatura. Mas o que significava para ele essa concepção de arte? Em *Impressões de Leitura*, livro especificamente dedicado à análise literária, o autor deixa vaziar seus afetos pela arte, além de discorrer sobre qual a utilidade dela para a vida humana. Considera ele que:

...o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos do seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo (IL, 1956: 66).

A cidade se constituía em uma exterioridade em que se qualificavam os procedimentos da burguesia, ao mesmo tempo em que se desqualificavam as formas de vida da gente comum - o que colocava Lima Barreto em sintonia com as experiências da massa. É nessa trama que se atualizavam os embates com a "República do Kaphet" e a "Regeneração", liberando algumas indignações que engendram uma ativa militância. Tal conjunto de circunstâncias levava o escritor a afirmar – ao longo da vida – que aquele momento abria um "tempo de literatura militante, ativa, em que o palco e o livro são tribunas para as discussões mais amplas de tudo o que interessa o destino da humanidade" (IL, 1956:164-165). Pelo que se depreende de suas argumentações, a literatura militante aponta para a necessidade de o artista agitar idéias, exprimir suas sensações e dar feição original ao que ecoa do mundo que o afeta.

Canetti esclarece que "toda a demanda por justiça, todas as teorias igualitárias retiram sua energia dessa experiência da igualdade que todos, cada um ao seu modo, conhecem a partir da massa" (CANETTI,1995:28). Desse modo, a massa está sempre se movendo rumo a uma direção que fortalece o sentido da igualdade, mesmo que em sua composição se agitem

metas particulares. Deve ser destacado nesse momento que o sentido de igualdade necessariamente não precisa se traduzir em ditames unificadores. Pode-se recolher o sentido de igualdade a partir de alguma parcialidade, de alguma proximidade que acomete a alguns, e não a outros. Lima Barreto se aturde com a desqualificação dos modos de viver da gente simples da cidade, bem como se indispõe com a invalidação dos questionamentos acerca do valor das novas leis – novos códigos que definiam quais eram os semelhantes que valiam na nova ordem. Tal conjunto de forças atravessava a massa e uma analítica se impunha nas linhas de uma expressão literária, principalmente quando se considera que a “expressão precede o conteúdo e o conduz (com a condição, é verdade, de não ser significante): viver e escrever, a arte e a vida, só se opõem do ponto de vista de uma literatura maior” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 61).

Nos fragmentos de uma literatura militante encontramos o Major Quaresma vacilando em suas crenças, tal qual a massa oscilava entre a revolta e o medo diante do arbítrio em que se traduziam as iniciativas republicanas. A partir de tantas estranhezas, o personagem ficava assim:

...um tempo longo a ver e quando se voltava, olhava a cidade que entrava na sombra, aos beijos do ocaso. A noite chegava e Quaresma continuava a passear na borda do mar, meditando, pensando, sofrendo com as lembranças de ódios, de sangueiras e ferocidade. A sociedade e a vida pareceram-lhe coisas horrorosas, e imaginou que do exemplo delas vinham os crimes que aquela punia, castigava e procurava restringir. Eram negras e desesperadas, as suas idéias; muitas vezes julgou que delirava (PQ, 1997:163).

É nesse intenso combate que se forja um devir literário, uma literatura menor, cuja potência consiste em se territorializar em uma sociabilidade que se desmanchava por ação dos ardilosos mecanismos de regulação.

Contrário às práticas de tornar invisível a população desprezada, Lima Barreto explora paisagens e meandros onde as experiências populares se

teciam, se afirmavam e, em alguns casos, se viam perseguidas. Em outras produções, ele se interessava por nuançar as transformações impostas pelo gosto burguês – o que muitas vezes o impelia a criar personagens extasiados, desatinados frente ao mundo a lhes escapar sob os pés. Essas duas feições se imiscuem e afirmam uma literatura repleta de tipos originais, talhados meticulosamente entre os sabores do cotidiano e as resistências da gente sofrida. Os afetos da massa a escorrer na pena barretiana ganham a precisão necessária para que a ficção destile a fina ironia, capaz de abalar a seriedade dos duvidosos propósitos e a dificultar os interesses dos “novos” senhores. Nessa lista entravam diferentes alvos, entre eles a categoria militar, a Igreja Católica, as regras da edilidade, os ditames autoritários da ciência, a truculência da polícia, além da pomposa literatura dominante.

Deleuze e Guattari, em precisas palavras, indicam em que consiste uma literatura menor, essa fronteira de criação ou ainda essa potência de fabular, pois:

...se é verdade que esse contra-pensamento dá testemunho de uma solidão absoluta, é uma solidão extremamente povoada, como o próprio deserto, uma solidão que já se enlaça a um povo porvir, que invoca e espera esse povo, que só existe graças a ele, mesmo se ele ainda falta... ‘Falta-nos essa última força, por carecermos de um povo que nos porte. Buscamos essa sustentação popular...’ Todo pensamento é já uma tribo, o contrário de um Estado. E uma tal forma de exterioridade para o pensamento não é em absoluto simétrica à forma de interioridade (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 46-47).

Uma literatura menor não visa a satisfazer critérios canônicos, nem a construir escolas e seguidores, pois seu principal desafio diz respeito às rupturas frente à modelização estética – tanto as vigentes em uma determinada época quanto as alinhavadas pela posteridade.

Talvez seja por critérios tradicionais que a literatura de Lima Barreto tenha vindo a integrar o período batizado como “pré-modernismo”. A respeito do termo imposto, cabe salientar que tal classificação retira da época em questão um conjunto de sutilezas e diferenciações, fragilizando, desse modo, expressões literárias originais.

Sergio Miceli (1977) enfatiza que o termo pré-modernismo constituiu uma estratégia modernista de datar tudo o que era anterior à “nova” autoridade estética paulista. Essa hierarquia de legitimidades, além de recorrer a rigorosos julgamentos sobre qualidades criativas singulares, dissimula as lutas que forjam o aparecimento de tais verdades. A feição dominante da crítica importada das vanguardas européias detrata paradigmas estéticos locais e imprime o ideário da ordenação, generalização e classificação, aglutinando experiências literárias diferenciadas e as definindo como “pré”. Ao problematizar tais homogeneias, Miceli (1977) ressalta a importância política do período em que se destaca o escritor Lima Barreto, esclarecendo que ao invés de:

...ser uma fase de estagnação da atividade literária, “uma fase de repouso”, de empobrecimento, de esterilidade em nossas letras, nos termos da concepção corrente hoje, nessa fase se desenvolveram as condições sociais favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, especialmente em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo, em consequência das exigências postas pela diferenciação e sofisticação do trabalho de dominação (MICELI, 1977: 13-14).

Metamorfose, multiplicidade e subjetivação

Canetti destaca que certas formações sociais podem operar por proibições resgatadas, ou ainda por novas proibições, de maneira que, ao se decretar a proibição, incita-se à formação da massa. Todos se negam “a

fazer o que deles espera um mundo exterior. Tudo o que até então faziam sem grande alarde, qual lhes fosse coisa natural e simples, passam de súbito a não fazê-lo de forma alguma" (CANETTI, 1995: 54).

A inversão também se constitui em um modo de operação da massa em uma sociedade claramente estratificada. As formulações de Canetti assinalam que se uma classe possui mais direitos do que a outra é porque a fronteira que as separa:

...precisa ter existido por um certo tempo, precisa ter se feito sentir longamente na vida cotidiana dos homens, antes que possa surgir a necessidade de uma inversão. É necessário que o grupo superior tenha desfrutado do direito de dar ordens ao inferior – quer tenha o primeiro conquistado o país e se imposto a seus habitantes, quer tenha a estratificação resultado de processos internos (CANETTI, 1995: 57).

Considerar as massas em seu movimento de ruptura e estabelecer alguma correlação com os elementos que comparecem na expressão literária barretiana constitui o cerne desta problematização. Assim, se a massa de inversão se caracteriza exatamente pela descarga contra os representantes da ordem, é porque, em conjunto, esses sujeitos logram retribuir "na mesma moeda o que tão longamente sofreram e armazenaram daqueles que lhes são superiores" (CANETTI, 1995: 57). Esse entendimento é o mesmo que permite entender a situação revolucionária, pois frente a tudo o que antes lhe fora negado, a massa liberta-se "dos agulhões fincados pelas ordens" (CANETTI:57), voltando-se contra aqueles que acumularam a experiência de dominar. É nesse momento que Canetti brinda seus leitores com o primoroso entendimento da noção de ordem, destacando que ela, invariavelmente, compõe-se de um impulso e de um agulhão:

...O impulso obriga o receptor ao seu cumprimento, e, aliás, da forma como convém ao conteúdo da ordem. O

agulhão, por sua vez, permanece naquele que a executa.
(...)

(...) E, igualmente inalterada, essa ordem é expelida, bastando que se apresente a oportunidade para tanto; a nova situação, na qual ela se desprende, há de ser idêntica à antiga, na qual ela foi recebida. A reprodução *invertida* de tais situações antigas constitui uma das grandes fontes de energia psíquica na vida do homem.

(...) Em seu íntimo, no entanto, todos se voltam contra a ordem que lhes foi transmitida de fora e que têm de cumprir: quando isso ocorre, falam em pressão, e reservam-se o direito de inverter a situação e rebelar-se (CANETTI, 1995: 305-06-07).

Ao considerar que a revolta e a execução contra seus opressores seja a forma de dissolução do agulhão, Canetti esclarece que os mesmos sinais que incitam a massa a uma inversão podem, entretanto, se constituir em “pontos de partida para as metamorfoses” (CANETTI, 1995: 340), diferenciações. Nessa via, arrisca-se a pensar que uma dor infringida a muitos pode liberar potências capazes de ativar manifestações coletivas diferenciadas e estéticas particulares inaugurais.

Partindo das provocações de Canetti, pretende-se pensar como as aventuras, os impedimentos e as insatisfações experimentadas por Lima Barreto – com a massa era assemelhado na cor, na classe e nos infortúnios – operaram deslocamentos e engendraram percursos que traduziram alegrias, desafios e constrangimentos em expressão literária singular – acontecimento³ Lima Barreto.

Lima Barreto buscava incessantemente intervir sobre os vários aspectos da vida social, estando atento aos incidentes mais turbulentos da capital e sensível aos episódios mais sutis da gente simples da cidade. Sua trajetória é permeada por essas nuances, partilhando, desde a infância, experiências que a um só tempo exigiam e estimulavam uma intimidade com as adversidades: sociais, econômicas e familiares. Tais situações impeliam Lima Barreto a embrenhar-se na história do povo e a se interessar pelas características dos

seus opositores, discernindo entre o que sustentava a eleição das prioridades e a definição da hierarquia dos benefícios. Ainda criança era levado pelo pai a participar dos episódios em que o povo ia às ruas, atividade mantida nos tempos de estudante e roteiro consolidado nas caminhadas da maturidade. A afinidade com a massa urbana do Rio de Janeiro repercutia na frequência às rodas de literatos, jornalistas e políticos, bem como era incrementada nos circuitos dos cafés, dos bares e das ruas - regiões onde vivia e dividia os sabores e as dores da boemia.

O tema da metamorfose, explorado por Canetti em seus estudos sobre a massa, é extremamente útil, posto que se aproxima – em alguns pontos – da noção de multiplicidade presente na filosofia deleuzeana. A partir dessas conexões, pode-se cotejar em que medida Lima Barreto se liga e se distingue da multiplicidade/povo – massa –, e a maneira em que se efetua essa relação. O que ganha então destaque são as multiplicidades, o modo em que se agrupam e o que elas dissolvem, o que inventam como funcionamento e as funções que expulsam. Seguindo as pistas deleuzeanas, em um segundo momento, importa também pensar:

...a natureza destas multiplicidades e de seus elementos. O RIZOMA. Uma das características essenciais do sonho de multiplicidade é a de que cada elemento não pára de variar e modificar sua distância em relação aos outros (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 44).

Esta variação rizomática emerge em consonância aos circuitos que seus elementos operam - circuitos visíveis, mas, sobretudo, invisíveis e indivisíveis, posto que seus elementos se modificam a partir do número de conexões que surgem. O caráter intensivo dos elementos de multiplicidade e as relações que aí se constituem reafirmam uma mudança de natureza exatamente porque:

...estas multiplicidades não tem o princípio de sua matéria num meio homogêneo, mas em outro lugar, nas

forças que agem nelas, nos fenômenos físicos que as ocupam, precisamente na libido que as constituem de dentro e que não as constituem sem se dividir em fluxos variáveis e qualitativamente distintos (DELEUZE e GUATTARI, 1995:44).

Nesse momento, retoma-se Canetti quando aponta que os mesmos sinais que incitam a massa a uma revolta podem se constituir em “pontos de partida para as metamorfoses”, variações que se abrem às rupturas e criações. Esses sinais correspondem ao caráter intensivo das conexões – forças –, cujos pontos de inflexão são capazes de gerar efeitos de multiplicidade, hibridações e funcionamentos liberadores de novas formas de existência: metamorfose.

A distinção entre massa e matilha apresentada por Canetti em *Massa e Poder* é retomada por Deleuze e Guattari em um texto intitulado *Um só ou vários lobos?*. Em que pesem as especificidades de cada uma, o que é enfatizado é a metamorfose qualitativa que comparece em ambas as formações, o que permite explicitar o caráter de multiplicidade fervilhante a percorrer os subterrâneos da massa. Tal potência se atualiza tanto na sua emergência – aparição fora do organismo – quanto nas rupturas – quebras – da organização social, o que corresponde ao caráter de periferia das massas, a conjunção coletiva de sua existência e a feição desterritorializante de seu funcionamento. Por tais caminhos, acompanha-se a conclusão deleuzeana quando afirma a não oposição entre massa – molar – e matilha – molecular –, mas o entendimento de que:

Existem unicamente multiplicidades de multiplicidades que forma um mesmo agenciamento, que se exercem no mesmo agenciamento: as matilhas nas massas e inversamente. As árvores tem linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência...
O devir-animal, o devir-molecular, o devir-inumano passam por uma extensão molar, uma hiperconcentração humana, ou as prepara...

Não há duas multiplicidades ou duas máquinas, mas um único e mesmo agenciamento maquínico que produz e distribui o todo, isto é, o conjunto dos enunciados que correspondem ao “complexo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 48).

Os pensadores da diferença, ao problematizarem o sonho do “Homem dos lobos”, assinalam que houve um tempo em que se acreditava que “a libido, em seus investimentos e contra-investimentos nada tinha a ver com a agitação das massas, os movimentos das matilhas, os signos coletivos e as partículas do desejo” (idem: idem). Para esses autores, a libido “tudo engloba”; logo, tanto as multiplicidades molares quanto as moleculares pertencem, em um único agenciamento, às formações do inconsciente, destacando-se “a maneira que as primeiras condicionam as segundas e pela qual as segundas preparam as primeiras, ou delas escapam, ou a elas voltam” (idem: 49), em um cruzamento ininterrupto em que se alinhavam os processos de subjetivação.

Pode-se então situar a massa urbana como uma multiplicidade apreendida nas experiências moleculares; em outras palavras, faixa de intensidade cidade-povo que em Lima Barreto se cruza com a potência da escrita. É nessa fervilhante composição que Lima Barreto capta a insurgência da massa, em suas lutas coletivas e suas guerrilhas cotidianas; mas também o caráter de decomposição da sociabilidade, da decadência familiar e a trajetória pessoal vivida como interrompida. Intensidades de periferia capazes de engendrar o devir-escritor que faz ressoar as manobras turbulentas da massa, bem como seus reveses, ao mesmo tempo que fabrica a ruptura com aquela realidade que lhe era, a um só tempo, inadmissível e insuportável. Em outras palavras, interferências entre os elementos de subjetivação em que se vislumbra “um devenir mútuo, no seio de um agenciamento necessariamente múltiplo e coletivo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 35).

Por esse caminho descortina-se a feição do inconsciente deleuzeano que implica “aproximações e distanciamentos indefinidos do ponto zero [distâncias sempre indecomponíveis], o qual não exprime de forma alguma a falta, mas a positividade do corpo pleno como suporte e suposto” (DELEUZE e GUATTARI, 1995:45) do funcionamento maquínico do inconsciente. A literatura como o corpo pleno, arremessando às vidraças da elite os descompromissos com o povo e a gente comum. O devir-escritor, potência beligerante de uma escrita singular a subverter o lugar naturalmente destinado e obstinadamente recusado.

Tal perspectiva permite que se pense a subjetividade distante das formas identitárias e das instâncias totalizantes, problematizando, necessariamente, as clausuras subjetivas em voga na atualidade. No dizer de Deleuze:

...não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem (...). Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos: o contrário de uma vedete (DELEUZE, 1992:15).

Assim, o agenciamento maquínico cidade/povo-literatura é o plano de composição em que as intensidades transitam por entre os sentidos da massa e uma vida que se trama na escrita. Nessa pura diferença pode-se afirmar que Lima Barreto não escrevia em nome do povo, da cidade, do lugar de cidadão, tampouco de um lugar representativo de grupos investidos de alguma missão – literária ou social. Sua expressão fala das potências que o remetiam a um mais-longe-de-si, metamorfoseando prazeres, encantos e dores. Sentidos que operavam guerrilhas travadas entre as linhas do viver e do escrever diferentemente.

Regina Maria Santos Dias
reginamsdias@gmail.com

Referências Bibliográficas

BARBOSA, F. A. . *A Vida de Lima Barreto*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, A. H. L. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

_____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo. Klick Editora, 1997.

BENCHIMOL, J. *Pereira Passos: Um Haussmann tropical*. Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

CANETTI, E. . *Massa e Poder*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, J. M. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHALHOUB, S. "*Classes perigosas*". In: *Trabalhadores, classes perigosas*, Unicamp/UFF, N° 6, 1990.

COSTA, J. F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DELEUZE, G.. *Conversações*. Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. . *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. V.5. São Paulo. Editora 34, 1997.

_____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. V. 1. São Paulo. Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. V. 3 São Paulo. Editora 34, 1996.

DIAS, R.M.S. *Malícia, Perícia e Polícia: manobras subjetivantes nas ruas do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado – PUC /Rio de Janeiro, 2003.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Vega/Passagens, 1992.

MENEZES, L. M. *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

MICELI, S. *Poder, Sexo e Letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos)*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1977.

SALIBA, E.T. "A Dimensão Cômica da Vida Privada na República". Em NOVAIS, F. (org.). *História da Vida Privada no Brasil* Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVECENKO, N. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

ANEXO

Lista das abreviações utilizadas referente aos livros de Lima Barreto:

IL – *Impressões de Leitura*

IC – *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*

PQ – *Triste Fim de Policarpo Quaresma*

¹- São linhas que compõem nos dispositivos de poder e que nos recortam e nos sobrecodificam. Ver melhor em *Micropolítica e Segmentaridade* (Deleuze e Guattari, 1996).

² -Expressão que surge na primeira metade do séc.XIX em estudos sobre grupos à margem da sociedade.

³ -Diferente dos fatos e das sobredeterminações, o acontecimento conta das singularidades e dos devires. Ver Deleuze e Guattari, 1997;v.4.